

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
PATRÍCIA SARAMAGO – “FAZER E REFAZER É O DIA A DIA NUMA SALA DE MONTAGEM”  
29 de abril de 2026

# OU GÎT VOTRE SOURIRE ENFOUI? / 2002

(*Onde Jaz o Teu Sorriso?*)

um filme de Pedro Costa

**Realização e Argumento:** Pedro Costa / **Direcção de Fotografia:** Pedro Costa e Jeanne Lapoirie / **Som:** Mathieu Imbert / **Montagem:** Dominique Auvray e Patrícia Saramago / Com Danièle Huillet e Jean-Marie Straub.

**Produção:** AMIP, Contracosta, ARTE-France, INA / **Cópia:** DCP, colorida e preto e branco, falada em francês e italiano com legendas em português, 102 minutos / **Primeira exibição em Portugal:** 28 de Outubro de 2001, inserido no programa “O Olhar de Ulisses” do Porto 2001 / **Estreia comercial:** S. Jorge, a 17 de Janeiro de 2003.

---

**Ou Gît Votre Sourire Enfoui?** é a versão “alongada” da resposta de Pedro Costa ao convite do canal ARTE para, no âmbito da celeberrima série “Cinéastes de Notre Temps” (dirigida por Janine Bazin e André S. Labarthe), rodar um filme sobre a obra, o trabalho e as personalidades de Danièle Huillet e Jean-Marie Straub. O título, “onde jaz o teu sorriso escondido?”, que tem aquela limpidez das coisas que parecem ao mesmo tempo muito enigmáticas e muito justas, vem de **Von Heute auf Morgen** (o filme de Straub e Huillet imediatamente anterior a **Sicília!**), e daquele plano de uma inscrição mural que Straub encontrou por acaso e decidiu filmar – “*Wo liegt euer Lächeln begraben ? !*”. É sobretudo uma frase cheia de “aura”, uma espécie de interpelação poética cuja gravidade “jacente” se cola, em perfeita harmonia, com o olhar de Pedro Costa sobre Huillet e Straub; em particular, com alguns dos mais belos planos do filme, aqueles da sequência final em que vemos Jean-Marie Straub no “hall” do cinema, quando a pergunta do título parece mais pertinente do que nunca.

Num filme em que as únicas vozes são as de Danièle Huillet e Jean-Marie Straub (que encontramos no momento em que preparam a montagem da terceira versão de **Sicília!**, processo que **Ou Gît...** acompanha), não deixa de ser notável o modo como Pedro Costa, sem nunca denunciar o seu olhar, sem nunca se pôr no papel do documentarista que olha o “outro”, consegue exprimir a sua admiração, o seu respeito, e mesmo o seu afecto, pela dupla de cineastas – e não tenhamos dúvidas que essa admiração, esse respeito e esse afecto são elementos fundamentais na definição daquilo que **Ou Gît Votre Sourire Enfoui?** é.

É, por isso, impossível dissociar a dimensão “pedagógica” do filme dessa, chamemos-lhe assim, cumplicidade, que é aliás a própria chave da relação entre Straub e Huillet. Uma das coisas mais fascinantes do filme é o facto de ele ser, mais do que o relato do processo de trabalho de uma dupla de cineastas, o relato do processo de trabalho de um *casa/* de cineastas. Pormenor que, neste caso, faz toda a diferença, até porque nalguns momentos

se exprime quase como um “gag”: repare-se por exemplo, na discussão sobre o “fotograma de diferença” que, após tantos anos, ainda separa o olhar de Huillet do de Straub... A importância dessa vertente do “retrato de casal” verifica-se ainda no modo como o filme, mais ou menos sibilamente, regista as próprias “relações de poder” entre os dois cineastas – na sala de montagem de **Sicília!** estamos, definitivamente, “no quarto da Danièle”, o território é dela, calada e concentrada em frente à moviola, face ao irrequieto e palrador Straub, que continuamente entra e sai da sala, que várias vezes é mandado calar, e que nalgumas ocasiões é mesmo forçado a justificar-se perante algumas observações da sua parceira.

Evitando a grandiloquência e a pretensão da “lição de cinema”, o facto é que em **Ou Gît Votre Sourire Enfoui?** há mesmo coisas para ensinar e aprender. Sobre o cinema de Straub e Huillet (e não só), mas sobretudo sobre a importância do olhar ou, mais do que isso, a importância de uma disciplina do olhar. Se alguma lição há no filme, é a da necessidade dessa disciplina – como variadíssimas vezes, ao longo das inúmeras e pormenorizadas análises de cada plano de **Sicília!**, fica bem expresso. Aliás, se a alguém parecer estranho que se possam fazer três versões do mesmo filme mantendo a mesma estrutura e utilizando apenas “takes” diferentes dos mesmos planos, este filme poderá trazer luz e eliminar a estranheza. Através do olhar de Straub e Huillet, pode-se aprender a olhar para cada plano como uma entidade viva, plena de nuances e cambiantes – não há dois “takes” iguais, não há dois diálogos ditos duas vezes da mesma maneira; e logo, por extensão, não há duas versões de **Sicília!** que sejam iguais.

Mais do que estritamente de cinema, a “lição” é de sensibilidade – saber olhar, sentindo.

Luís Miguel Oliveira